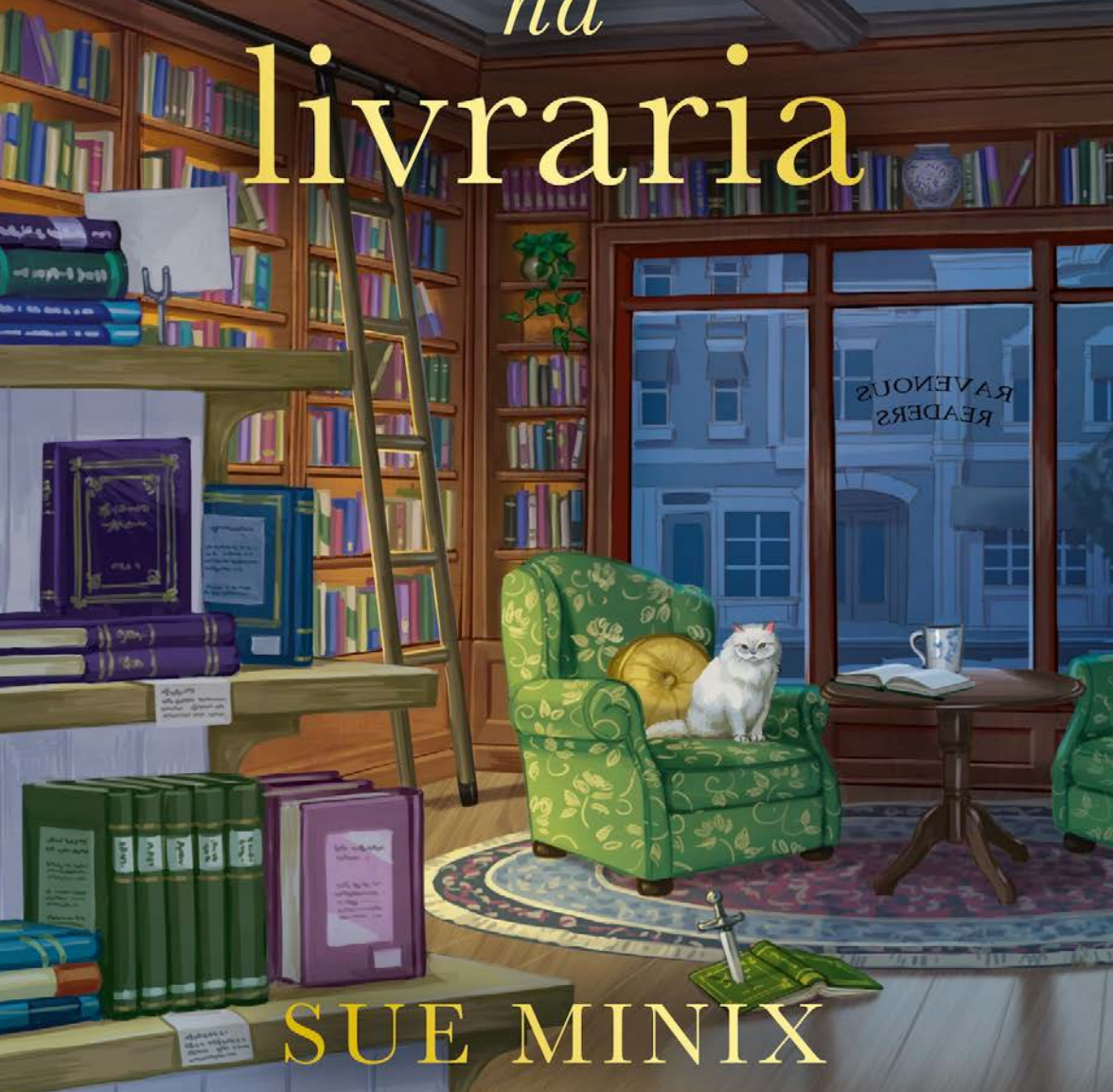


É capaz de escrever o romance de mistério perfeito...
mas será capaz de o resolver na vida real?

Assassinato *na* livraria



SUE MINIX

HarperCollins
Mistério

CAPÍTULO UM

Observar as pessoas é uma atividade necessária para todos os escritores. E era por isso que olhava através do vidro da montra da livraria e estudava os transeuntes. Os seus movimentos, as suas interações. A expressão das suas caras. São potenciais personagens? Vítimas, talvez? Melhor ainda, assassinos?

Seja como for, a verdade é que, depois de duas horas colada à cadeira, comecei a retorcer-me como uma criança pequena que precisa de fazer a sesta. O formigueiro, consequência da imobilidade, era um castigo cruel e desumano, um sacrifício apropriado para os deuses da escrita. É uma pena que hoje nem com isso conseguisse apaziguá-los. Nem ontem, de facto.

As letras do ecrã do portátil fundiram-se entre si, separaram-se a seguir e voltaram a fundir-se. O cursor piscava no fim da última palavra, a gozar comigo. As palavras escorregadias desapareciam do meu cérebro atolado com a rapidez de um fogo fátuo.

O relógio de pêndulo deu a meia-noite quando os gémeos Davenport fixaram os seus olhares nas extremidades retorcidas e na cabeça inclinada num ângulo estranho do seu pai, que jazia de barriga para baixo sobre o tapete oriental da sala.

Todos se tinham apaixonado pelos gémeos em *Problema duplo* e agora não tinha outro remédio senão inventar uma sequela daquele

sucesso. Escrever um primeiro romance de sucesso não fazia nenhum sentido se depois fosse incapaz de escrever um segundo. Mas, ao contrário do que me acontecia com este, aquele primeiro livro escreveu-se sozinho. Assim que os meus dedos tocavam no teclado, um vulcão de palavras entrava em erupção. Os pontos de inflexão e as reviravoltas inesperadas da trama fluíam como lava pela encosta de uma montanha. As personagens formavam redemoinhos no ar como cinzas e assentavam em proporções perfeitas. Tudo isso teve como consequência o aparecimento na minha vida de uma agente e de um contrato para um segundo livro que agora se recusava a deixar-se escrever.

E agora? Como é que cada um dos meus detetives adolescentes ia reagir? Dana, forte e reservada, e Daniel, engenhoso e sempre a alma da festa, viajavam frequentemente em direções emocionais opostas. Seria um choque para os dois, isso estava claro. Mas Dana reagiria com raiva e Daniel com lágrimas? Talvez. Seria demasiado clichê. E se Daniel corresse para pedir ajuda enquanto Dana verificava as pulsações? Não, porque Victor já tinha o olhar perdido da morte. Muito bem, chamar a polícia, nada de verificar as pulsações. Feito. E depois?

— Jennifer Marie Dawson!!

Virei a cabeça para a voz. A pele escura e impecável de Aletha realçava um sorriso branco e perfeito.

— O que se passa? Meu Deus, que susto me pregaste. E para que saibas, se um dia te disse o meu segundo nome foi porque mo perguntaste, não para que o usasses, Aletha Looo-eeez Cunningham.

Com uma exibição de coordenação que eu não tinha experimentado nem sequer em sonhos, sentou-se à minha frente com a elegância de uma bailarina e depositou sobre a mesa uma chávena de café de cartão descartável.

— Aqui tens outra rodada. Com leite e dois cubos de açúcar, tal como gostas.

Levei a chávena aos lábios e veio-me à cabeça a imagem que sempre me fazia sorrir. Aletha numa poltrona com um gatinho tigrado

ao colo e um exemplar de *Mataram a cotovia* aberto nas mãos. «Leitores Vorazes» em letras de nuvem flutuava por cima da sua cabeça e por baixo:

Os livros são os melhores amigos.

— Obrigada, és a minha salva-vidas.

O vapor fez-me cócegas no nariz e o gole pequeno que dei aqueceu-me o corpo imediatamente. Perfeito.

Aletha assinalou o meu computador.

— Como corre?

— Não corre. O meu cérebro está afetado por uma paralisia.

— Oh, por favor, Jen, não digas isso. Só tens vinte e oito anos.

— Talvez, mas são anos caninos.

Ergui as sobranceiras, juntamente com um charuto imaginário.

— O que é isso?

Fiquei boquiaberta.

— Não me digas que não conheces os Irmãos Marx.

Aletha bebeu um gole de café.

— São uma dessas bandas de rapazes?

— São atores de comédia dos anos trinta. Sempre que davam algum dos seus filmes no TCM, o Gary obrigava-me a vê-lo com ele.

Aletha franziu o nariz.

— Isso soa muito mal. Sou dez anos mais velha do que tu e nunca ouvi falar deles. O teu padrasto era malvado.

— Não era tão mau como imaginas. Simplesmente, um pouco mafioso. Com o passar dos anos, comecei a sentir carinho por esses filmes. Além disso, o tempo positivo que passávamos juntos fazia com que valesse a pena.

Os seus olhos castanhos sempre atentos percorreram a livraria e voltaram a fixar-se em mim.

— Não avançaste nada?

— O que queres que te diga. Três frases inteiras. Até poderia ser um recorde.

— Hum... três frases em duas horas. Sim, podia ser.

Deitei-lhe a língua de fora, levantei-me e estiquei os braços por cima da cabeça. A música clássica suave que saía das colunas instaladas perto do teto fluiu sobre mim. Russell Jeffcoat, simpático e inteligente, com um toque sombrio, encheu a cafeteira comunitária. O cheiro a café acabado de fazer era tão tentador como os seus olhos cor de mogno. Os meus dedos ansiavam acariciar-lhe o cabelo castanho ondulado. Desviei o olhar.

Uma mulher de cerca de quarenta anos, com um vestido cor-de-rosa largo com estampado de orquídeas, folheava um livro na secção de Escrita.

«Desaparece. Foge antes que te engula como um buraco negro!»

Aletha chamara Leitores Vorazes à sua livraria com a esperança de que, em Riddleton, houvesse algum. Revestira as paredes com estantes rústicas cor de cereja, o que fazia com que o estabelecimento parecesse a biblioteca privada de uma mansão. Placas esculpidas em madeira identificavam os géneros por ordem alfabética, desde «Arte» até «Viagens», passando por «Escrita». Uma ideia ótima, embora talvez devesse ter prescindido da secção de Escrita. Só um sádico encorajaria alguém a submeter-se a esse tipo de tortura. E Aletha não tinha nada a ver com um sádico.

Na zona central da livraria, Aletha pusera mesas, rodeadas por poltronas estofadas em *capitoné*, e dali acedia-se a uma zona de café na parte posterior, abastecida com infusões normais, cortesia da casa, juntamente com uma variedade de *cappuccinos* e expressos a preços de pessoas normais. Comi com os olhos a bandeja de bolinhos com bolachas de chocolate, queques e *croissants*, gentileza da Bob's Bakery, a confeitaria situada mesmo à frente. Não, hoje não. Só a modo de recompensa se houvesse avanços. Na parte da frente da livraria, mais mesas, um sofá confortável e algumas poltronas estofadas com um tecido discreto às riscas castanhas e douradas tentavam a clientela a entrar e a desfrutar de uma leitura longa e relaxada.

— Adoro este lugar. — Recuperada a circulação sanguínea, o meu rabo reencontrou-se com o assento acolchoado. — Deste-lhe um

toque pessoal, não tem nada a ver com uma dessas cadeias de lojas. — Fiz girar sobre a mesa a minha caneta da pouca sorte, gravada com as minhas iniciais. — Tens um dom especial para criar uma atmosfera e não me imagino a escrever noutro lugar que não seja este. Exceto talvez em casa, de pijama.

— Obrigada, Jen. Espero que, algum dia, haja mais gente que pense como tu.

A mulher que estivera a pulular pela secção de Escrita passou, com as mãos vazias, para a de Romance.

Aletha seguiu-a com o olhar.

— Sempre foi o meu sonho. No bairro, nem sequer havia biblioteca. Se apenas uma criança se viciasse na leitura, já o consideraria um sucesso. A Hora das Histórias começa a atrair a atenção. Esta manhã, tivemos quatro crianças. O recorde até à data.

— Mais três do que no dia em que te substituí. — Olhei para a secção infantil. Mesas de tamanho pequeno e zonas para atividades, juntamente com centenas de títulos selecionados para satisfazer os diferentes níveis de leitura, criavam um refúgio para que a imaginação fluísse livremente. E tudo isso sob o olhar protetor de duas girafas do tamanho de uma pessoa que seguravam um cartaz com a frase «Crianças Vorazes» pintado na parede com as cores do arco-íris. Se, quando era pequena, tivesse tido um lugar como este para onde ir, a estas alturas, já teria acabado o meu décimo livro. — E virão mais assim que começar a espalhar-se a notícia. Às vezes, as pessoas das cidades pequenas são um pouco estranhas. Precisam de um tempo de aquecimento para se inscrever nas novidades, mas assim que o fazem, já não consegues livrar-te delas. É um dos motivos por que me fui embora.

Aletha relaxou na poltrona. Os seus dedos brincaram com a gargilha de pérolas que tinha ao pescoço.

— Talvez, mas só voltaste há seis meses. As coisas podem ter mudado durante os dez anos que viveste em Blackburn. Às vezes, pergunto-me se cometi um erro.

— Não me parece.

— Só dizes isso porque és minha amiga. Escolhi esta cidade porque pensava que aqui, no fim do mundo, as pessoas valorizariam uma das vantagens da vida urbana, mas sem os incómodos da cidade grande. Talvez tenha sido uma loucura pensar que as pessoas daqui continuavam a amar os livros. — Envolheu a chávena de café entre ambas as mãos. — Como fui criada na pobreza, a leitura deu-me uma via de escape. Uma esperança para um futuro melhor. E tenho de agradecer à minha mãe por isso. Quando era pequena, líamos juntas todas as noites — disse, com os olhos brilhantes.

— Não foi uma loucura, nem nada que se pareça. — Estiquei o braço por cima da mesa para lhe dar umas palmadinhas carinhosas na mão. — O negócio funcionará. Só tens de lhe dar tempo.

Aletha esboçou um meio-sorriso e examinou a manicura impecável.

— Não sei muito bem de quanto tempo disponho. É possível que o negócio não nos dê para chegar até ao pagamento do próximo ano.

«O pagamento do próximo ano.»

— Não me importaria nada de ganhar um concurso de escrita onde me pagassem o que te pagaram nesse.

O suficiente para conseguir abrir uma livraria e mantê-la durante cinco anos, até ser autossuficiente. Bebi um bom gole de café. Com um pouco de sorte, a cafeína viajaria diretamente para o meu cérebro.

— Na verdade, o concurso A Tua Vida não é um concurso de escrita. Não do tipo em que tu participarias. É um concurso de não-ficção.

Descansei os antebraços ao lado do portátil e afastei o livro que me acompanhava, um manual intitulado *Como escrever algo que as pessoas queiram ler*.

— A seleção baseia-se no que queres fazer com o dinheiro que ganhas. Nunca teria ganhado se tivessem julgado os meus dotes para a escrita. — Bebeu um gole delicado de café. — Essa gente mudou-me a vida. Anos a gerir os negócios dos outros e agora estou aqui, a fazer finalmente o que sempre quis fazer. Algo que nunca me teria acontecido sem esse concurso.

— Talvez, mas não queiras renunciar ao teu sonho tão depressa. Se conseguiste convencer os juízes do concurso do que isto significava para ti, também conseguirás convencer Riddleton. — Ofereci-lhe um sorriso. — Conquistaste-me a mim, não foi?

Impulsionou o queixo em direção ao meu computador.

— Bom conselho. E talvez também devesse ouvir-te de vez em quando. Espero que a apresentação do teu livro atraia multidões de leitores.

— Lamento muito, mas não tenho uma quantidade enorme de amigos ou parentes. Nem dinheiro para subornar ninguém.

— A sessão de autógrafos de *Problema duplo* atraiu muita gente.

— Certo. Ganhei dez dólares com essas vendas. E paguei a comida, lembras-te? Bom, a minha. — Esbocei o meu melhor sorriso.

Aletha piscou-me o olho, levantou-se e a saia cinzenta envolveu-lhe os joelhos.

— Tens mais amigos do que pensas.

Duvidava muito. Mas não podia pensar nisso agora. Tinha à minha frente um livro que precisava de escrever.

A minha última tentativa de captar a reação de Daniel à morte do pai acabara de ser vítima da tecla de apagar do meu computador quando a campainha da porta tocou. Eric O'Malley materializou-se, resplandecente no seu uniforme azul-marinho da polícia de Riddleton. Cumprimentou Aletha, dirigiu-se calmamente para a cafeteira e serviu-se de uma chávena.

Eric, alguns anos mais velho do que eu, era ruivo e as faces claras estavam cobertas de sardas. Parecia um menino do ensino básico. Se lhe tirasse o colete antibalas regulamentar, que lhe conferia alguma corpulência, parecer-se-ia com Opie Taylor, o menino do *The Andy Griffith Show*, a série dos anos sessenta, disfarçado com o uniforme do seu tio polícia, Barney Fife. Porque era difícil acreditar que o pequeno Opie se tornara polícia. No entanto, Eric licenciara-se na academia de polícia, pelo que, ou a academia funcionava como uma escola Montessori, ou Eric escondia muito bem a sua força.

Não voltara a confiar nas forças da ordem desde que os investigadores da Administração Federal de Aviação tinham determinado que o acidente aéreo do meu pai se devera a um «erro do piloto». A minha mãe dizia sempre que Jack Dawson teria sido capaz de fazer voar um besouro se as suas asas fossem suficientemente grandes para conseguir transportá-lo. Que era impossível que tivesse cometido um erro. Tinha de ter acontecido outra coisa e eu, algum dia, descobri-la-ia.

Mas Eric era um bom homem. Tínhamo-nos tornado amigos no dia em que me mandara parar porque o tubo de escape do meu carro rugia como um alce macho em época de acasalamento. Não me multou, mas fez-me simplesmente uma advertência. Até me ajudou a resolver o problema no dia seguinte. «Usa fita adesiva, funcionará», disse-me quando apareceu inesperadamente à porta da minha casa com um rolo grande de fita adesiva cinzenta.

Sustive a respiração e encolhi-me na cadeira, pestanejando atrás do meu computador, para evitar uma repetição da nossa última conversa: quinze minutos de Eric decidido a convencer-me de que ir correr resolveria o meu problema de bloqueio como escritora. Mesmo que fosse apenas por uma vez, adoraria conhecer um homem que não presumisse que sabia do que eu precisava.

Eric bebeu o café e cravou o olhar em mim. Sem dúvida alguma, os seus cálculos incluíam como me reter sem ter de usar um *taser*, enquanto eu calçava os ténis de desporto.

Senti um formigueiro na nuca. Tentei concentrar-me no meu trabalho, enquanto ouvia de fundo a voz melodiosa de Russell, suave, intensa e reconfortante como o mel, que estava a conversar com alguém.

Quem era a pessoa que estava ao balcão? De onde estava sentada, não conseguia vê-la. Também não é que fosse assunto meu. A minha relação com Russell, até à data, consistira em algumas conversas casuais, um choque de mãos quando ambos tínhamos ido agarrar a cafeteira ao mesmo tempo e muitíssimos olhares disfarçados da minha parte.

Quando Eric depositou a chávena vazia no caixote do lixo que havia junto da porta, despediu-se com a mão e reatou os trabalhos de patrulha, os meus pulmões entraram de novo em funcionamento. Sequei mentalmente o suor da testa. Ufa! Conversa esquivada por hoje.

Voltei a concentrar-me em Russell, mas a figura graciosa de Aletha interpôs-se entre nós.

— Está louco por ti.

— O quê?

Aletha mexeu a cabeça em direção à porta.

— Ouviste o que disse.

Franzi o nariz.

— O Eric? Nem pensar! Somos só amigos.

Aletha arqueou uma sobrancelha.

— Além disso, a única coisa que quer é que vá correr com ele. Com o seu grupo, de facto. Diz que me ajudaria a escrever.

Eric convidara-me para me juntar aos Corredores de Riddleton, três amigos que estavam a treinar para participar no ano seguinte na corrida de dez quilómetros da cidade. Até se via capaz de ganhar. Algo que, certamente, só conseguiria se os seus colegas da polícia detivessem por excesso de velocidade todos os que fossem à frente dele na corrida.

— E?

— E não vou. Não sou atleta.

Da última vez que fui correr tinha demasiada cafeína num estômago vazio. As minhas pernas demoraram dois dias a recuperar. Além disso, Eric queria sair para correr às oito da manhã aos sábados. Talvez se um psicopata me perseguisse. Talvez assim começasse a trotar.

Os olhos de Aletha iluminaram-se.

— A tua falta de interesse não terá alguma coisa a ver com um rapaz que ronda a cafeteira e que ambas conhecemos, pois não?

Russell passou um *croissant* de fiambre e queijo a uma loira de vinte anos cujo cabelo brilhante caía até à cintura. O seu sorriso chegava-lhe até umas pestanas que se viam a quilómetros de distância

enquanto ela se ria como uma tola por fosse o que fosse que ele acabara de dizer.

— Talvez. — Fiz uma careta. Se alguém me pressionasse para o fazer, descreveria Russell como um encantador de serpentes engenhoso, alheio ao efeito que exercia sobre as pessoas à sua volta. A sua beleza física (mais de estivador do que de barista) e o sorriso atrevido recordavam-me tudo o que perdera desde que Scott, o meu ex-namorado, me abandonara para ir trabalhar para Paris. A solidão poderia parecer uma sensação estranha para alguém como eu, que passara praticamente toda a vida sozinha ou desejosa de o estar. — Mas para quê dar-me ao trabalho? Não está interessado.

— Tens a certeza? Além disso, talvez, se saíesses com ele, se desse por vencido comigo.

Levantei as sobrancelhas.

— O que queres dizer?

— Esquece. De certeza que é apenas imaginação minha. — Aletha agarrou na caneta que eu deixara na mesa. — Talvez ofereça uma assim ao meu marido no Natal. Onde a compraste?

— O Scott ofereceu-ma quando publiquei *Problema duplo*. Para que me trouxesse sorte com o segundo livro.

Não me surpreenderia que o meu ex-namorado me tivesse oferecido um amuleto da sorte defeituoso. Porque, na verdade, poderia ter-me comprado uma caixa de cereais de pequeno-almoço da marca Lucky Charms. Pelo menos, teria desfrutado um pouco dos *marshmallows*.

Aletha devolveu-me a caneta.

— Importas-te que tire uma fotografia? Talvez a encontre na Internet.

— Não me importo nada. Em frente.

Pus a caneta no centro da mesa.

Aletha tirou-lhe uma fotografia com o telemóvel. A campanha da entrada voltou a tocar. Era um homem de cabelo grisalho que chegava de mão dada com uma menina com totós, de seis ou sete anos.

Se quiseres desfrutar do resto da história, podes comprar o livro **clikando aquí.**